

“50 ANOS ATRÁS: os mísseis de outubro

Aviões U-2 sobrevoavam Cuba, como de costume, em 14 de outubro de 1962. Porém, dessa vez, as fotografias tiradas pelos pilotos trouxeram um elemento inesperado: foram descobertas diversas bases de mísseis nucleares sendo construídas em Cuba, “segundo a CIA, os mísseis tinham alcance de 1600 Km e tinham capacidade de atingir grande parte da orla marítima oriental do país [EUA]. Uma vez armados e prontos para disparo, poderiam explodir sobre Washington em 13 minutos (...)” Essa informação foi passada ao presidente dos Estados Unidos no dia 16 de outubro – data que passou a ser conhecida como o “primeiro dia da Crise dos Mísseis”. O presidente convocou seus principais assessores para uma reunião de emergência: a questão que se coloca é “o que fazer?”. As opções acabam se restringindo a duas alternativas: invadir Cuba ou realizar um bloqueio marítimo, denominado de “quarentena”. A decisão só foi tomada no dia 22, uma segunda-feira: evitariam a invasão e utilizariam a “quarentena”.

Às 19 horas, o presidente John Kennedy realizou um pronunciamento na televisão para “mais de 100 milhões de americanos (...), a maior audiência para um pronunciamento presidencial até então”.²⁸ O discurso foi realizado em 17 minutos e estava estruturado em 7 pontos principais, em que se destacava o ponto 3, no qual o presidente ampliava a Doutrina Monroe para os tempos da Guerra Fria: “3. A política desta nação será considerar qualquer lançamento de projétil nuclear de Cuba contra qualquer nação do hemisfério Ocidental como um ataque da URSS contra os EUA, o que requer uma adequada resposta de represália contra a URSS”.²⁹ A Organização dos Estados Americanos (OEA) aceitou o argumento de expansão da Doutrina Monroe e apoiou a medida de quarentena por unanimidade. Debates na ONU foram realizados entre os representantes dos EUA (Stevenson) e da URSS (Zorin). Stevenson sagrou-se vencedor. Em 26 de outubro, o primeiro-ministro da URSS enviou uma carta ao presidente dos EUA propondo a retirada do armamento nuclear de Cuba em troca do compromisso estadunidense de não mais tentar invadir a ilha. Os americanos respiraram aliviados! Porém, poucas horas após, mas já no dia 27, chega uma segunda carta de Krushchev:

Nós aceitamos retirar de Cuba aqueles materiais que você qualificou de ofensivos, e podemos comprometer-nos a isso no seio das Nações Unidas. Em reciprocidade, seus representantes farão uma declaração no sentido de que os EUA, considerando as dificuldades e a ansiedade do Estado soviético, retirarão da Turquia materiais ofensivos similares.³⁰ O que fazer frente à nova situação? A guerra nuclear estava a um passo de ter início. Os assessores de Kennedy o aconselharam a tentar negociar. Ele mandou uma carta para Krushchev nos seguintes termos: Nós, por nossa parte, estamos dispostos – mediante o

estabelecimento dos adequados acordos realizados através das Nações Unidas para assegurar a continuidade e por em marcha desses compromissos – ao seguinte: a) Levantar imediatamente as medidas de quarentena em vigor; b) Dar segurança contra a invasão de Cuba. Confio em que as outras nações do hemisfério Ocidental estão dispostas a atuar do mesmo modo. O efeito de tal acordo sobre a tensão mundial nos permitirá continuar trabalhando acerca de um acordo geral referente a “outros armamentos” como você propõe em sua segunda carta que foi feito pública.”
DOMINGOS. Charles Sidarta Machado: *50 anos da crise dos mísseis: horror nuclear em tempos presentes*. História, Rio Grande, v. 4, n. 2: 79-90, 2013. Disponível em:

<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6892/3666-11624-2-PB.pdf?sequence=1>

Acesso em: 21 de fevereiro de 2019.